

Custos logísticos prejudicam rentabilidade de exportadores brasileiros

Fonte: *A Tribuna – Porto e Mar*

Data: 07/02/2023

Com o encarecimento de custos logísticos como o frete e o aluguel de contêineres para a exportação, o ganho do exportador brasileiro ficou praticamente estagnado em uma década, mesmo com a forte desvalorização do real nesse período. Na prática, o empresário viu a perda de valor da moeda - uma cobrança tão recorrente da indústria - ser corroída pelo aumento de custos externos e internos.

Segundo dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), na comparação entre o acumulado de janeiro a novembro de 2022 e o mesmo período em 2012, a rentabilidade das exportações cresceu apenas 7,3%. No caso da moeda, cada dólar custava, em média, R\$ 1,95 há uma década e, em 2022, estava em R\$ 5,15.

"Depois do início da covid, houve uma tendência de alta dos preços dos produtos que o Brasil exporta e uma depreciação do real, mas o custo corroeu todo o ganho dessas duas variáveis", afirma Daiane Santos, economista da Funcex e autora do levantamento.

A pandemia de covid-19 provocou uma desorganização do comércio internacional, com interrupção nas cadeias globais de fornecimento. O resultado foi um aumento dos custos de se fazer negócio entre os países, com preços mais altos de insumos e commodities. Frete e aluguel de contêineres também integram esse pacote.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), no ano passado 90% de todas as importações brasileiras foram compostas por insumos, bens intermediários e bens de capital. No levantamento mais recente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgado em dezembro, a participação de insumos importados chegou a 24,3% do total utilizado pela indústria. Em 2019, correspondia a 22,7%.

Setores

Nos setores não industriais, como a agropecuária, por exemplo - em que há uma dependência menor de insumos importados -, houve um ganho de 26% na rentabilidade de 2012 para 2022, aponta o estudo. Na indústria extrativista, foi registrada uma queda de 10%. Na de transformação, a alta foi de 6%.

"No setor de alimentos, papel e celulose, a desvalorização cambial até ajuda, mas isso não é verdade para parte da indústria que depende de muito insumo importado", diz Renato da Fonseca, superintendente de desenvolvimento industrial da CNI.

José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), destaca que o déficit da balança comercial brasileira de manufaturados vem crescendo de forma contínua. "No ano passado, atingimos um recorde: um déficit de US\$ 128 bilhões", diz.

No ramo de máquinas e equipamentos, o aumento de custos dos últimos dois anos mitigou a melhora dos números de exportações - os dados da Funcex mostram uma rentabilidade estagnada na última década. A inflação do setor foi de 17,6%, no ano passado, e de 25% em 2021.

"A desvalorização cambial não acompanhou", afirma José Velloso, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). "Todo aumento de custo, com frete e contêiner, não é possível de ser repassado".